



**XXIII
SEINPE**
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

OS JOGOS COMO FERRAMENTAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM DISLEXIA

Angra de Jesus da Silva Cardoso 1 – Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia- ICSEZ-
cardozobento06@gmail.com

Bruna dos Santos Prata 2– Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia- ICSEZ – e-mail:
brunaprata05@gmail.com

Eixo 04- Educação e Inclusão: pesquisas sobre os processos educacionais e pedagógicos, com base em diferentes perspectivas históricas, epistemológicas e sociais no campo da Identidade, Diferença e Diversidade, Gênero e da Educação Especial e Inclusiva na Amazônia sob o prisma dos Direitos Humanos. Aborda as dimensões da formação, das práticas pedagógicas, da saúde e do movimento humano nos contextos da educação.

RESUMO

Este artigo deriva de um recorte da pesquisa de TCC, que teve como objetivo compreender como os jogos contribuem no processo de desenvolvimento da leitura de crianças com dislexia. Para isso, buscou-se analisar como os jogos estimulam a criança com dislexia no processo de aprendizagem, também verificar que metodologia o professor utilizava em relação às crianças com dislexia no desenvolvimento da leitura e escrita, bem como propor abordagens metodológicas baseadas em jogos para promover a inclusão de crianças com dislexia no contexto escolar. Neste sentido, autores como Gonçalves (2020), Kishimoto (2017), Pereira (2022) entre outros consolidaram o estudo. A pesquisa de campo, optou pela pesquisa de natureza qualitativa, estudo bibliográfico, entrevista semiestruturada e observação participante. Portanto, ficou visível a contribuição dos jogos como ferramenta pedagógica no desenvolvimento da leitura das crianças com dislexia, e o quanto é importante a formação dos professores para lidarem com os desafios voltados para a sala de aula, principalmente com crianças com dislexia ou deficiências, porém no decorrer da pesquisa percebemos que dependerá do comprometimento e estratégias utilizadas por cada professor, assim como o apoio da família para o desenvolvimento das habilidades e capacidades da criança com dislexia.

Palavras-chave: Dislexia; Jogos; Ensino e Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A dislexia é uma dificuldade no sistema da leitura, então, sabe-se que para integrasse ao meio social, exige-se que o indivíduo seja letrado, pois, a leitura é de suma importância para a formação das pessoas. Nesta perspectiva, a dislexia ocasiona-se em congênita e hereditária, sem explicação, porém teorias tentam sucintamente explicar sua origem.

Diante dessa ótica, os jogos têm uma influência no processo da aprendizagem do estudante com dislexia, onde os jogos são recursos pedagógicos fundamentais nesta contrapartida, auxiliando no desenvolvimento das habilidades do estudante, como a leitura, a escrita e a socialização, onde facilita o processo de aprendizagem em sala de aula.

Neste sentido, os jogos possibilitam a motivação, a expressividade, a imaginação, a linguagem comunicativa, a atenção, a concentração, o raciocínio lógico, podendo englobar diferentes áreas do conhecimento. A partir dos jogos, a iniciativa, proporciona um momento de lazer e diversão aos estudantes com dislexia, sendo assim, a partir do conhecimento mais amplo e claro sobre o transtorno os pais podem integrar-se a esse processo de aprendizagem.

Percebe-se que os jogos realizados em sala de aula auxiliam na decodificação das letras e sons para assimilação das atividades. E o trabalho que a professora realiza contribui nesse processo de ensino e aprendizagem da estudante com dislexia, uma estratégia que se faz necessário no espaço escolar, pois a criança se expressa, interage com os colegas, proporcionando um trabalho de inclusão.

Por isso, a importância dos jogos no processo de aprendizagem dos disléxicos é de grande valia, assim como para o professor, resgatando o prazer, a alegria do brincar, isto é, transmitindo inúmeras possibilidades do aprender jogando, a fim de que essa experiência possa ser inserida no campo da educação.

METODOLOGIA

Foi realizado uma entrevista com a professora e a estudante com dislexia de uma escola pública Estadual do Município de Parintins-Amazonas. A partir das informações obtidas foram realizados jogos como ferramentas pedagógicas que estimulassem a aprendizagem da estudante com dislexia que estava no 5º ano do ensino fundamental.

Neste sentido, foi realizado uma pesquisa participante dentro do espaço escolar envolvendo uma abordagem qualitativa, sendo apresentado e elaborado atividades mais prazerosas para serem desenvolvidas através dos jogos, e assim, por meio deste estudo, alcançar o objetivo desejado.

A partir da pesquisa foi relatado pelos educadores da instituição, as metodologias da professora, adotadas após o diagnóstico com laudo da criança com dislexia, seguindo por meio das informações descritivas da criança pesquisada relatando diversos aspectos ocorridos no espaço escolar, expondo suas dificuldades diante da aprendizagem, mas também, no ciclo familiar. Nesta abordagem, a pesquisa retratou aspectos que não dependem apenas da criança

com dislexia, assim como, da família que é base fundamental nesta fase de aprendizagem, como da escola, ou seja, é necessário o apoio coletivo.

Desse modo, na pesquisa de campo foi utilizada a metodologia bibliográfica para aprofundar a ótica de conhecimentos sobre o transtorno da dislexia por meio de livros, artigos e dissertações, leituras que contribuíram, dando direcionamento sobre a dislexia, conhecendo os sintomas, os diagnósticos, suas principais dificuldades, os direitos e os deveres dos pais/responsáveis, professores e do Estado.

A técnica realizada foi por meio de perguntas direcionadas a professora e pedagogo buscando informações sobre a criança com dislexia, para entendermos como os colegas de aula, escola e a família lidam com o transtorno. Se de alguma forma contribuem no desenvolvimento das habilidades e capacidades da criança.

Segundo Gil (2002, p.117) aborda que “a entrevista é a que apresenta maior flexibilidade [...] se distingue da simples conversação apenas por ter como objetivo básico a coleta de dados [...] pode ser, enfim, estruturada quando se desenvolve a partir de relação fixa de perguntas”. Considerando que foram selecionados jogos, diante as dificuldades que a estudante apresentou durante as observações.

O quadro abaixo aponta sugestões de jogos para o desenvolvimento da estudante com dislexia, desenvolvida na sala de aula como forma de desenvolver as habilidades, além de trabalhar a inclusão com os colegas.

Quadro 1: jogos trabalhados com a estudante com dislexia

Bingo coletivo das palavras	Trata se de uma competição saudável, fortalecendo as habilidades de leitura e reconhecimento de palavras, trabalhando a concentração, raciocínio e o trabalho em equipe.
Roleta das sílabas	A finalidade deste jogo é trabalhar a consciência fonológica, explorando e identificando os sons das sílabas.
Contação de história	De forma lúdica transmite conhecimento e estimula a imaginação, auxiliando no desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional.
Jogo da força	Utilizado para auxiliar no ensino de vocabulário e ortografia, trabalhando a expressão verbal, a compreensão oral e a aprendizagem de novo vocabulário.
Jogo da memória com sílabas	O jogo contribui para o desenvolvimento visual e socioemocional, estimulando a memória visual, o

	desenvolvimento de inteligência espacial melhorando o foco e a concentração, trabalhando as habilidades das tomadas de decisões, estimulando a interação social, o desenvolvimento cognitivo assim, como o aprendizado de novos conhecimentos.
Maleta das frases	Jogo para incentivar o gosto pela leitura, trabalhando a consciência de pequenas frases, desenvolvendo a leitura, a oralidade, mas também estimulando a criatividade.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Tendo em vista essa realidade, apresentamos: o bingo de palavras complexas método de como trabalhar a inclusão com os estudantes; textos curtos para melhor compreensão do disléxico; roleta das sílabas simples por meio da formação de palavras, jogo da forca possibilitando o conhecimento dos estudantes à adivinhação da palavra destacada, jogo da memória para aprimorar o aprendizado e a obtenção de informações da estudante que apresenta a dislexia. O nome fictício na pesquisa dada pela própria criança foi Mingau em uma das nossas conversas, devido ela ter um gato de estimação que ela encontrou abandoando na rua.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

O presente estudo teve como primícia buscar estratégias pedagógicas por meio dos jogos, considerando um instrumento de análise, no qual permitiu uma experiência com uma estudante com dislexia nos anos iniciais em uma escola da rede estadual, na cidade de Parintins, interior do estado do Amazonas. Assim como compreender sobre a dislexia e como os jogos podem contribuir no desenvolvimento da leitura e escrita de estudantes disléxicos, além de trazer reflexões aos professores, secretarias de ensino e familiares.

O uso dos jogos nas escolas serve como apoio para os educadores na realização das atividades dos disléxicos norteando a serem sujeitos alfabetizados e letrados, progredindo com autonomia sem medo de ser taxado de desinteressado ou que apresenta dificuldade em relação aos conteúdos ensinados em sala de aula.

Em relação a essa questão, os jogos têm um significado importante e podem sim contribuir no processo de desenvolvimento das crianças disléxicas. Kishimoto (1997, p.17)



**XXIII
SEINPE**
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

ênfatisa que “em tempos passados, o jogo era visto como inútil como coisa não séria [...] nos tempos do romantismo, o jogo aparece algo sério e destinado a educar criança”.

Diante dessa afirmativa, ressaltada pela autora os jogos atualmente são considerados como recursos pedagógicos no ato de educar, auxiliando na aprendizagem das crianças com a dislexia que são indivíduos talentosos, com habilidades extraordinárias, que ao serem estimulados desenvolvem uma capacidade criativa e, esses jogos vão ajudá-los nesse processo, trabalhando sua autoestima.

Nesse sentido, o papel do professor e a metodologia aplicada por meios dos jogos em sala de aula aos dislexicos é, mais um fator importante para conseguir ensinar e incluir os mesmos junto às outras crianças, melhorando ainda, seu convívio familiar, a percepção auditiva na interação comunicacional e suas habilidades de consciência fonológica. Segundo Gonçalves (2020, p. 8) destaca “a criança com dislexia precisa de pessoas persistentes e encorajadoras que lhes ofereçam apoio e que compreendam seu modo diferente de ler, compreender e interagir com o mundo”.

Desse modo, o educador deve propor conhecimentos pedagógicos, científicos, atitudes, valores, crenças e estratégias para estruturar o envolvimento educacional promovendo capacidades na aprendizagem dos estudantes, estimulando, reforçando, e otimizando seus potenciais de adaptabilidade e sociabilidade, convertendo os conhecimentos e as aquisições em termos sistemáticos e explícitos, aplicando objetivamente as teorias de comportamento e aprendizagem humanas à base de estratégias de instrução e interação que visam essencialmente modificar e maximizar suas capacidades de aprender a aprender e reaprender.

Assim, a aprendizagem é encarada como um processo dinâmico, na qual a criança com dislexia está em constante interação e muda suas ideias, atitudes e aquisições. Diante dessa contradição, o reinventar e a aplicação de novas metodologias do professor nesse processo de conhecimento pelos jogos acontecerão de modo que reduza a dificuldade do estudante com dislexia, estimulado, desenvolvendo sua criatividade, despertando o desejo e o interesse pelo saber e a vontade de participar, construindo conhecimento sobre si, sobre o mundo ao seu redor, consolidando as primeiras formas de interação social, pois, essa contribuição também proporciona o desenvolvimento social, físico, cognitivo e emocional dos disléxicos.

Foi realizado um mapeamento da pesquisadora em escolas do município de Parintins, porém algumas sem êxito, sabe-se que a maioria dos estudantes que apresentam o transtorno da dislexia não tem laudo, o que é de entristecer a falta de informação sobre a “dislexia”, ou seja, pais /responsáveis não tem esse conhecimento sobre o transtorno, alguns admitem e outros desconhecem ou não aceitam.

Ou seja, é inaceitável acreditar que uma Secretaria de Educação, especialmente a coordenadoria de educação inclusiva, não tenha um levantamento dos transtornos, deficiências e outros déficits das escolas do seu Município, seja órgão Municipal ou Estadual. Pois, como se pretende buscar possíveis alternativas, minimizar situações se não há registros? É preciso repensar, iniciar um mapeamento e buscar parcerias com as universidades de ensino para auxiliar nessa causa.

Na pesquisa de campo observou-se a dificuldade que a estudante apresentava, detectando as sílabas complexas faltando ser trabalhadas, na leitura ainda apresentava hesitação, mas por outro lado a criança demonstrou sua habilidade com os cálculos. Observou-se como a alternativa metodológica que através dos jogos estimulam a estudante a decodificar os conteúdos repassados pela educadora e diante desta pauta, o intuito é apresentar por meio dos jogos as sílabas complexas para maior entendimento dos textos, interligando a teoria e a prática, dando possibilidades diante das dificuldades apresentadas, a educadora pretende até o final do ano alcançar a meta desejada, para então a estudante seguir sem muitos percalços.

Diálogo com a estudante Mingau

Você gosta mais de ler ou escrever?

Escrever porque não consigo ler. Eu gosto de desenhar e de fazer meus brinquedos. Tenho um irmão de 8 anos, ele consegue ler mais que eu, ele aprende muito rápido. A maioria das vezes quando ele está brabo comigo, ele me chama de burra.

Você gosta de estudar?

Sim, aprendo algumas coisas, pois tenho a professora Flor que me ajuda (PAE), mas a professora Borboleta não vem na minha carteira. A professora Flor conversa comigo, ela me ensina, as coisas e eu entendo. Mas ela tem que ajudar o Caramelo também.

Quando você for para outra escola, você quer uma professora para auxiliar você? *Não sei, porque até lá se eu conseguir ler, eu acho que consigo me virar um pouquinho.*

Mas você acredita que você já está conseguindo ler? *Sim, teve uma professora de história e geografia no 3º ano, ela me chamou de burra na frente de todo mundo. (Obs: A estudante se emocionou). Alguns também da sala também me chamam, principalmente o Francisco. Ele me apurinha muito, toda vez que tou de boa ele vem e me chama de burra.*



**XXIII
SEINPE**
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

Você sabe o que é burro? É um animal.

Você é um animal? Não.

Você acredita que não é capaz de ler? Sim, sou capaz

Você é diferente? Não.

Exceto o Francisco, os outros colegas tratam você bem? Às vezes.

Você já relatou isso para outras pessoas? Só pra senhora, porque eu confio em ti.

Quando o colega diz alguma coisa que ofende você, você fala pra professora? Não.

Você acredita que aprende com os jogos? Sim, aprendo.

Na maioria das vezes, acreditamos que apenas adultos apresentam sentimentos, carregam problemas, enfrentam obstáculos, mas pelo contrário as crianças também tem sentimentos, sentem carinho, amor, raiva e até mesmo empatia. As crianças com dislexia carregam consigo sentimentos que às vezes não conseguem expressar por medo de ser corrigidos, por isso, é importante conhecer o “invisível”, para além da sala de aula.

A partir dos relatos, percebemos o quanto os valores, a ética profissional, os princípios são extremamente significativos no espaço escolar e familiar. Porém a desinformações de professores em relação a dislexia, acaba afetando diretamente à autoestima e a aprendizagem dos estudantes, e sabemos o quanto é difícil para os pais, professores lidar com algo novo, o medo de enfrentar o diferente é ainda desafiador para a maioria das pessoas, mas não impossível.

A educação inclusiva exige que os professores estejam preparados de forma prática, metodológica e emocional para lidar com possíveis diferenças e acontecimento dentro do espaço escolar [...] a inclusão escolar compreende-se que tanto a escola quando o educador constrói novos laços quando valoriza a diversidade na sala de aula que leva condições de aprendizagem para todos de forma coerente (Pereira, 2022, p. 23).

A importância do diagnóstico evita inúmeros sofrimentos acometidos aos disléxicos, a exclusão no meio social, taxação sobre ser chamado de preguiçoso, dentre outros adjetivos direcionados aos estudantes, onde esse sentimento afeta a sua autoestima. Por isso, precisamos superar os estereótipos na família, no ambiente escolar junto aos professores e estudantes, principalmente nesta sociedade prepotente, que descrimina, julga sem mesmo conhecer à realidade que o outro enfrenta.

Precisamos nos colocar no lugar do outro, ter mais empatia e buscar fazer a diferença. As crianças que apresentam a dislexia, necessitam sim de suporte, não apenas fora do espaço escolar, mas sobretudo dentro desse espaço educacional, a criança precisa se sentir acolhida e

segura na escola. Uma vez que as crianças com dislexia ao serem estimuladas com certeza podem demonstrar múltiplas habilidades e podem, sim, surpreender a todos. A estudante Mingau demonstrou interesse nos jogos apresentados e elevou sua autoestima, os jogos auxiliaram nas dificuldades enfrentadas por ela, como mostra nas figuras abaixo.

Figuras 1: Leitura de texto curto

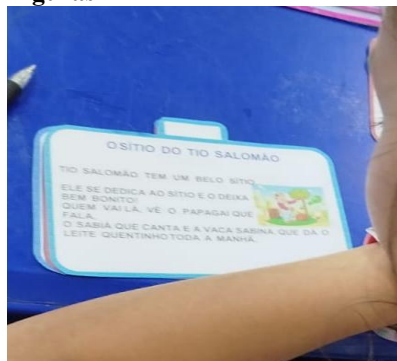


Figura 2: Roleta das sílabas simples



Figura 3: Jogo da memória



Fonte: Pesquisadora Cardoso (2024)

Foi realizado com a estudante Mingau alguns jogos, que pudesse auxiliá-la com a confusão que ainda há em relação a fonética de algumas sílabas e palavras. Contudo, as atividades interdisciplinares são extremamente eficazes, assim como os jogos, pois, apresentam estratégias de estimulação para a formação de palavras, contagem e quantidades de números, desenvolvendo uma compreensão fonética e matemática por parte da criança com dislexia, trabalhando o vocabulário, além do desempenho e a melhoria na leitura, aprimorando o reconhecimento das letras, sílabas, palavras, frases e números.

O jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Nesta ótica, os disléxicos desenvolvem múltiplas habilidades como na criatividade, com um grande poder imaginativo, por meio destas possibilidades apresentam formas mais rápida de codificar as letras (Kishimoto,2017).

Nesta perspectiva, podemos ressaltar que a educadora apresenta um papel crucial na criação de um ambiente social da estudante, auxiliando na aprendizagem, na expressão e produção oral, escrita, na criatividade, estimulando-o a uma ação que amplie o vocabulário, oportunizando as crianças disléxicas vivenciarem aulas mais dinâmicas e significativas.

Por isso foi pensado por meio dessa pesquisa, de que forma poderíamos sanar essas questões de como ensinar e fazer com que a estudante com dislexia compreendesse as atividades

elaboradas pelo professor por intermédio dos jogos que realizamos na observação participante nas disciplinas de língua portuguesa e matemática, foi observado que a estudante era bastante tímida, ficava o tempo todo de cabeça baixa, pois tudo era novo para ela. A criança quis ser chamada de Mingau na pesquisa, pois é o nome do seu gatinho que ela encontrou na rua abandonado.

Entrevista professora

Quais foram os sinais que a estudante apresentou para a dislexia?

A aluna desde o ano passado (2023) no início observava que ela só transcrevia do quadro, ela copia muito rápido, só copia, mas não lia, a dificuldade dela é na leitura, ela tinha muita dificuldade nas sílabas simples, composta e complexas principalmente. Nos anos anteriores os professores já fizeram essa observação que ela só transcrevia do quadro, ela não sabia ler e não houve uma aceitação por parte da família.

A leitura com dificuldade do disléxico foi identificada com baixo rendimento, a estudante é esforçada, e ao relatar que não tem o devido apoio esperado pelo desinteresse dos seus responsáveis, realizou atividades fazendo leitura e grifando, gradualmente conseguia entender e quando não entendia fazia a leitura novamente e acertava a palavra correta.

Por ser, no caso, um diagnóstico recente, não tem o acompanhamento desejado, pois seus genitores não vivem em juntos, dificultando a situação da estudante durante seu relato. No segundo momento da disciplina de matemática, a estudante mostrou uma habilidade na pintura e com os cálculos que foi surpreendente, a facilidade e a rapidez, mas em meio a sua capacidade com números, desconhece a contagem dos números com mais de três algarismos.

Qual foi sua estratégia inicial?

Inicialmente eu só peguei palavras de acordo com o conteúdo, trabalhamos o substantivo, palavras relacionadas ao conteúdo sempre direcionando e agregando com aquilo que ela estava estudando, somente com palavras.

A professora ministrava a disciplina de língua portuguesa e logo foi percebido que a estudante confundia as letras devido ao uso das letras bastão das atividades proposta pela educadora, não sabia distinguir no caso a letra bastão da letra cursiva, e isso acabava fazendo com que não realizasse as atividades.

Um momento interessante foi quando a estudante realizou a escrita da lousa, conseguia acompanhar junto aos outros estudantes retirando do quadro usando as letras cursivas, também foi realizado um ditado de palavras complexas, no entanto, escrevia de modo como entendia, apresentou dificuldades nos dígrafos em relação ao som da palavra rr trocando por pl; b com d; am com an, o c com ç, assim como a troca de outras letras. De acordo com Teles (2020, p.8);

a consciência dos gestos articulatórios -consciência fonoarticulatória- mostraram que crianças e adultos com dificuldade de leitura apresentam dificuldade de identificar os gestos articulatórios. Esta dificuldade interfere no desenvolvimento da consciência fonológica e na conversão dos sons das letras.

Logo, as trocas de sílabas, às vezes uma substituição de vogais ou adivinhação de palavras, é devido a esse aspecto, e quando não há a contrapartida por parte da família se torna ainda mais difícil, nesse caso no auxílio dos deveres escolares pelos pais, ou seja, como ajudar uma criança que apresenta dificuldade na aprendizagem se não há uma correspondência apresentada pelos familiares. Partindo desta ótica, tanto para a estudante como para a educadora, o auxílio dos pais/responsáveis fazem toda diferença para o aprendizado da criança com a dislexia, e mesmo enfrentando uma situação complexa, a professora não mede esforços para alfabetizá-la auxiliando nos deveres escolares.

Tendo em vista que mesmo sem apoio desejado, a contribuição da educadora é de suma importância para a criança, a dinâmica trabalhada semanalmente é a leitura mesmo que não seja por meio dos jogos pedagógicos, o objetivo é que todos da turma tenham hábito pela leitura. Em cada engajamento durante as leituras aos poucos a estudante vai ganhando fluidez, os trabalhos coletivos feito na sala de aula proporcionam momentos de inclusão e interação com os colegas.

Qual foi o tempo que ela ficou em observação?

Como ela ainda não tinha um diagnóstico do médico no caso de um profissional especializado, nós ficamos fazendo essa observação, depois a mãe foi chamada, começou o processo de aceitação, então durante o período letivo nós fizemos essa observação pra ver se realmente se confirmava aquilo que realmente os professores indicavam.

Certo dia, foi proposto uma atividade coletiva pela professora como método de trabalhar a inclusão com a estudante que apresenta o transtorno, o que é fundamental para a autoestima

do indivíduo, diariamente a professora trabalha atividades, respeitando o tempo dos estudantes, os textos discorrem técnicas para a estudante entender a leitura, que ainda desenvolve pouca fluidez.

Desse modo, a professora utiliza a metodologia de abordagem qualitativa, e mesmo diante da avaliação proposta pelo sistema, limita o plano adequando no tempo da estudante. A partir desta realidade foi desenvolvido jogos pedagógicos que buscassem auxiliar na aprendizagem da criança com dislexia.

Segundo Aranha (2004, p. 7) entendemos que educação inclusiva “garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades”

Nesse viés, percebemos que a metodologia da professora é dinâmica, trabalhando a inclusão da estudante, assim como dos demais estudantes que apresentam outros tipos de transtorno, a educadora apresentava as atividades com textos curtos de fácil entendimento, trabalhando a interpretação de forma objetiva, onde a estudante pudesse ter fluidez ao ler e interpretar.

Sabemos, que quando os pais buscam uma escola para seus filhos iniciarem a trajetória escolar, imaginam que possam aprender com facilidade a escrever o nome, a fazer o reconhecimento das letras, sílabas e saberem principalmente a ler e a escrever, porém, há crianças que tem dificuldades, especificidades, e aprendem no seu devido tempo.

Há pais que quando recebem um diagnóstico dos profissionais, seja escolar ou hospitalar, não aceitam, pelo fato, de não estarem preparados para lidar com algo novo, o medo faz parte, pois nenhum pai ou mãe esperam que seus filhos nasçam com alguma deficiência ou transtorno e acabam sofrendo no início da descoberta.

Segundo os autores Nascimento; Rosal; Queiroga (2018, p. 88) “a criança disléxica apresenta, como consequência, um rendimento escolar inferior ao esperado em relação à idade cronológica, ao seu potencial intelectual e à sua escolaridade, sendo comuns indícios de fracasso”.

Neste sentido, cabe aos pais vivenciarem o luto, por conseguinte aceitação, é imprescindível para as crianças sentirem-se seguras diante dos desafios e preconceitos produzidos na sociedade, e a parceria entre família e escola contribuem significativamente no



**XXIII
SEINPE**
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

aprendizado e superação dos obstáculos, possibilitando as crianças com dislexia a demonstrar suas habilidades.

Nesta perspectiva, a maneira mais eficaz é buscar meios de auxiliar a criança com dislexia, obtendo informações sobre seus direitos durante o processo de aprendizagem juntamente com a escola e o reforço escolar, uma das alternativas para o desenvolvimento da estudante. Outra proposta, são os pais buscarem estratégias diferenciadas para auxiliar a criança em casa, sabendo que não cabe apenas aos professores essa responsabilidade de ensinar, pois se ambos caminharem juntos, a criança terá um melhor desempenho escolar.

A metodologia apresentada pela professora é feita com entusiasmo, mesmo não havendo o devido suporte por parte da escola, a mesma tenta auxiliar todos da turma sem exceção, todos os dias é um desafio para a estudante, mas ela não se esquivava diante das dificuldades apresentadas, sabe-se que os estímulos dos familiares auxiliam no processo de aprendizagem, mas cada realidade é singular, porém o que a educadora faz no espaço escolar é essencial para o desenvolvimento da estudante.

É notório a preocupação da professora com todos os estudantes, visto durante o desenvolvimento das atividades a importância da inclusão no espaço escolar. Reitero que as atividades levadas para casa ao retornarem no dia seguinte estavam por fazer, mas isso não impedia que a educadora continuasse acreditando que até o final do ano a estudante deixasse a instituição lendo e escrevendo.

Por isso, o professor precisa estar se qualificando constantemente, pois a cada ano que passa as escolas recebem crianças com transtornos e deficiências. E precisamos saber como lidar com cada especificidade, pois tendo conhecimentos sobre eles, conseguiremos pensar em estratégias e recursos pedagógicos para auxiliar o estudante de maneira eficiente e eficaz, ainda sabendo das dificuldades e desafios que serão enfrentados inicialmente, pois não são todas as pessoas que se identificam com educação inclusiva.

Entretanto, para entendermos a atual situação da estudante na escola, resolvemos utilizar uma entrevista semiestruturada com o pedagogo e a professora da sala para identificarmos a realidade da estudante, obtivemos algumas informações, o pedagogo informou e fez um levantamento de quantos estudantes apresentavam a dislexia na instituição, detalhando a reação

da genitora quando soube do diagnóstico. Tendo em vista essa realidade, buscamos trabalhar a autoestima da estudante durante as aulas.

Durante o percurso na instituição de ensino, observou-se que os métodos das atividades da educadora são adaptáveis respeitando o tempo de aprendizagem da estudante que apresenta a dislexia. Entretanto, no primeiro contato com a criança, ela se sentiu retraída, com um olhar de desconfiança, sem entender, pois, tudo era novo na sua concepção, mas durante a aproximação e conversas, a confiança foi sendo conquistada.

Observou-se o empenho da educadora para ajudá-la, com atividades diferenciadas de acordo com seu entendimento, pois a educadora relatou trabalho de formiguinha “devemos trabalhar com muito esforço e dedicação, tal qual fazem as formigas em direção ao formigueiro”, a partir dessa concepção, o principal objetivo da educadora é alfabetizar a estudante e prepará-la para o ensino fundamental final e mesmo sem apoio parental, buscar o melhor para todos da turma.

Nesse sentido, durante a pesquisa apresentamos a contribuição dos jogos para a estudante com dislexia, como: o bingo com palavras complexas, roleta com sílabas simples, maleta de textos curtos, jogo da memória, jogo da forca, tais propostas estimulam a leitura e a formação silábica buscando uma aprendizagem com mais facilidade, após a apresentação notou-se que houve progresso da estudante perante aos jogos pedagógicos, meios fundamentais para a escrita, pois a estudante mostrou-se mais confiante ao realizar as atividades desenvolvidas e isto é primordial para a formação do sujeito leitor.

Aliás, a partir do momento que houver verdadeiramente a inclusão nas escolas, a educação dará um grande passo na sociedade, pois todos irão trabalhar com a mesma finalidade, sem distinção de cor, raça, gênero, religião e outros. E só então, a tão sonhada equipe multiprofissional irá funcionar, pois o sujeito será olhado na totalidade, valorizado como um ser integral, único e pleno para viver em sociedade.

Portanto, os jogos de forma direta ou indireta contribuem na aprendizagem da criança com dislexia, tornando-se ferramenta fundamental neste processo, dando possibilidades ao professor de criar estratégias para trabalhar a consciência articulatória e a fonoarticulatória da criança, pois pesquisas acreditam que esta é uma hipótese e um dos fatores para a explicação da dislexia que até o momento ainda não se sabe ao certo da sua origem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa percebemos a relevância da contribuição dos jogos no desenvolvimento das crianças com dislexia utilizando materiais adequados conforme a dificuldade de cada indivíduo. O auxílio do professor durante a realização das atividades propostas é primordial, além de propor métodos estratégicos envolvendo jogos que estimulem nesse processo no ato de aprender.

O papel do professor é fundamental para a formação do estudante, por fazer a mediação da aprendizagem e ser o principal formador do estudante, os preparando para a sociedade. A família também faz parte deste processo de desenvolvimento das habilidades e capacidades do indivíduo, sendo assim, é necessária a formação contínua dos profissionais da educação, principalmente em relação às informações do transtorno da dislexia.

Por isso, se faz necessária uma equipe multiprofissional nas escolas para poderem auxiliar os professores nas salas de aulas, assim como o profissional de apoio escolar, que precisa na maioria das vezes de um direcionamento para aperfeiçoar a sua prática. Pois um dos grandes desafios são atualmente os diagnósticos não definidos, o que dificulta nesse processo de progressão na educação.

Todavia, as políticas públicas devem ser efetivadas no nosso estado e ter um olhar voltado para as crianças com dislexia e assim dar o devido suporte aos professores na sala de aula, pois, após o diagnóstico, os professores precisam ter suporte para buscar metodologias e materiais diferenciados para que o estudante com dislexia desenvolva e apresente rendimento no seu tempo de aprendizagem.

Nesta perspectiva, acreditamos que todos somos capazes, que as crianças, principalmente aos que apresentam transtornos tem sentimentos, e por inúmeras vezes não conseguem interagir com medo da rejeição dentro ou fora do espaço escolar. Por isso, é importante um diálogo entre professor e estudante para entenderem, a dificuldade apresentada, cabendo ao educador propor estratégias que auxiliem na aprendizagem, preparando na formação do sujeito leitor, sabe-se que é complexo, porém possível, isto é, depende das metodologias adotadas pelo educador para auxiliar no desempenho das crianças com dislexia.



**XXIII
SEINPE**
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

Portanto, é de extrema importância o professor adquirir formação continuada, pois sabe que a inclusão ainda é um grande desafio perante a escola, mas a instituição, como responsável pela formação do estudante, deve acolher e prepará-lo para a sociedade. Afinal, só inserir não basta, mas é preciso incluir e ensinar de forma significativa, tornando a sala de aula como um espaço acolhedor, criando um vínculo entre professor e estudante, tornando a aprendizagem mais prazerosa, divertida, harmoniosa que de fato as crianças com dislexia sintam-se seguras de si, e assim consigam se desenvolver e mostrar suas habilidades mediante apoio da escola e da família.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Educação inclusiva: v. 3: a escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Patricia; PEIXOTO, Amanda. **10 perguntas e respostas para compreender a Dislexia**. 1. ed. Curitiba. Editora Dialética e realidade. 2020, 1-53 p.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 8 ed. São Paulo: Cortez. 2017, 1-36 p.

NASCIMENTO, Isabelly Silva do Rosal, Angélica Galindo Carneiro e Queiroga, Bianca Arruda Manchester de. **Conhecimento de professores do ensino fundamental sobre dislexia**. Revista CEFAC [online]. 2018, v. 20, n. 1 [Acessado 13 março 2024], pp. 87-94. <https://doi.org/10.1590/1982-021620182019117>.

PEREIRA, Jeniffer Fernanda. R.F. **Educação inclusiva: educação inclusiva no ensino aprendizagem na escola regular**. Faculdade Anhanguera. Orientação: Mariana Cardoso. Piracicaba, 2022.

TELES, Paula. **Método Homonímico: Trocas Fonológicas**. Porto Editora, 2020. 8 p. Disponível em: <https://www.portoeditora.pt/responsive/landing-pages/2020/metodo-fonomimico-paula-teles/imagens/Fundamentacao-Teorica-A-Magia-da-Leitura-3.pdf>.